

Porque nós somos inteiras, não somos só no terreiro, e é isso que o pai Sidnei nos ensina, quando traz aqui o Hino da Umbanda. Eu fico feliz, porque não é só um ato de homenagem a uma pessoa a quem eu amo muito e tenho um carinho enorme, mas é uma das pessoas, se não a pessoa, que melhor representa o candomblé neste país hoje e a macumba de uma forma geral.

É com essa alegria que o pai sempre nos ensinou a existir, a sorrir e a estudar e se formar e se orientar, porque, também, é um professor. Eu agradeço a esta Casa por ter feito esse ato revolucionário. Tem que ser o primeiro. É um ato de reparação que o pai Sidnei seja o primeiro.

Tenho certeza de que é um dos poucos negros a receber esta honraria. É uma pessoa que faz com que todos nós pos-samos nos sentir bastante representados nesse espaço, que é um Estado que não à toa, não é de forma inócua, que se chama São Paulo.

Ele não chama Piratininga, como era o nome dos povos originários. E ele não chama, também, estado de Xangô. Mas, com o pai Sidnei, a gente aprende a coexistir, a gente aprende a existir, e se tem algo que a nossa religião ensinou, e ele excor-pora, é o afeto e o amor.

Obrigada pela sua existência, pai Sidnei, é uma honra poder falar aqui.

Muito obrigada a todos que nos deram esta oportunidade. (Palmas.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - RODRIGO MAR - Esta é uma grande noite de homenagens.

Neste momento, convidamos Ana Clara Ferraz, que inter-pretará a música “O Canto das Três Raças”, composição de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro, que ficou famosa na voz de Clara Nunes, em 1976. Fique à vontade.

A SRA. ANA CLARA FERRAZ - Olá, boa noite. “Agô”, para chegar. Bênção, meu pai, bênção, avô. Bênção a todos os mais velhos e mais novos.

- É feita a apresentação musical.

A SRA. ANA CLARA FERRAZ - Que o nosso canto, um dia, não seja só de dor, que seja de alegria e que seja de axé. Esta-mos aqui e estamos vivos. Axé.

TODOS - Axé.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - RODRIGO MAR - Obrig-ado. Agora assistiremos à mensagem, pai Sidnei, de alguns amigos e amigas que não puderam estar aqui presentes, mas enviaram uma mensagem e uma saudação pelo audiovisual, em vídeo.

- É exibido o vídeo.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - RODRIGO MAR - Neste momento, prestamos homenagem ao nosso querido amigo com uma apresentação artística. Maracatu Ouro do Congo. (Palmas.) Enquanto os nossos companheiros e companheiras se posi-cionam, eu quero agradecer a todos que estão acompanhando pela Rede AleSp e pelo YouTube. Pedir para que mandem as suas mensagens pelo chat.

E lembrar que, todo mundo que está fotografando nas suas redes sociais, por favor marque o nosso homenageado e a nossa Mesa aí no Instagram.

Com vocês, companheiros.

- É feita a apresentação artística.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - RODRIGO MAR - Belí-sima apresentação. Queremos agradecer a presença do pai Alberto, do PV de Paulínia. Pai Alberto.

Neste momento, damos início à entrega do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo ao Sr. Sidnei Barreto Nogueira. (Palmas.) O Colar de Honra ao Mérito Legislativo é a mais alta honraria conferida pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Foi criado em 2015 e é concedido a pessoas naturais ou jurídicas brasileiras ou estrangeiras, civis ou militares, que tenham atuado de maneira a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do nosso estado, como forma de prestar-lhes, pública e solenemente, esta homenagem.

Saudemos o pai Sidnei com uma imensa salva de palmas. (Palmas.)

- É feita a outorga do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - RODRIGO MAR - Mais palmas. Mais barulho para o pai Sidnei. (Palmas.)

O SR. SIDNEI BARRETO NOGUEIRA - Kabecilê. Kabecilê. Eu, normalmente, não escrevo meus discursos, mas eu pensei bem e achei que este dia merecia um texto que você começa a escrever, depois deixa ele dormir um pouquinho, depois você volta, depois você deixa... Você vai... como em uma canção, vai afinando as notas musicais. Eu decidi... Eu não sei se vou segui-lo, mas eu escrevi um texto.

Boa noite a todes, todas e todos. Vamos girar com as palavras? Eu quero começar a minha partilha pedindo “agô”. No candomblé, pedimos “agô” antes de falar, antes de entrar, antes de qualquer ação que possa afetar o outro e o ambiente. Ninguém pode, deliberadamente e sem autorização, interferir no mundo do outro sem pedir “agô”.

Muito embora a palavra “agô” possa ser traduzida como um pedido de licença, trata-se de uma palavra intraduzível na língua do colonizador. “Agô” está além e aquém do pedido de licença. “Agô” quer expressar respeito, quer dizer: “Eu lhe respeito”. Quer dizer: “Produziremos respeito, juntos, se me for permitido”.

Trata-se de um pedido respeitoso que se refere à ideia de honra. Eu posso honrá-lo ao dizer, ao fazer, ao me colocar no mundo, ao participar de algo com você?

Por isso, eu saúdo e peço “agô” a todas, todes e todos os presentes. Eu saúdo e peço “agô” às autoridades presentes, babalorixás, ialorixás, pais, mães, oloyês, ogãs, equeles, mestres e mestras. Saúdo a Mesa na pessoa do querido Paulo Reis. Saúdo as equeudes na pessoa de mãe Ellen de Oxum. Saúdo o vereador Genoíno... João Ananias. E o meu querido amigo, exu Douglas Belchior, laroiê.

TODOS - Laroiê.

O SR. SIDNEI BARRETO NOGUEIRA - Eu saúdo e peço “agô”, exu, laroiê. Eu saúdo e peço “agô” àqueles que vieram antes de mim. Eu saúdo e peço “agô” aos nossos ancestrais. Eu saúdo e peço “agô” à Xangô. Eu quero ser honra e produzir honra.

Eu quero falar sobre honra. Honra é “olá” em Iorubá. Há muitos nomes com este prefixo ou sufixo. “Olamidê”, a honra chegou. “Adeolá”, coroa é honra. “Olatundê”, a honra voltou. O sentido de “olá” é amplo, e se soma às ideias de algo que remete à alegria, à dignidade e à riqueza. “Olá”, também, é elemento nuclear de um código ético ancestral.

Honra faz parte do código refinado das comunidades de ter-reiro, das nossas comunidades, mãe Vera, das nossas comunida-des, mãe Vera de Oxum. Também, por isso, não posso me furtar de começar estas generosas palavras apresentando-me, da pers-pectiva ancestral daqueles que me honraram, e com os quais eu partilho a honra recebida. Permitam-me honrá-los, “agô”.

Eu quero falar um pouco sobre os meus ancestrais. Eu sou filho da ialorixá Joesia Teles de Oiá, e Plácido Barreto Nogueira de Ogum. Oiá e Ogum fundecaram Xangô em mim. Uma aloga-na que nos criou como empregada doméstica, mãe de santo e cartomante, e um pai analfabeto, de Rui Barbosa, na Bahia, caminhoneiro de betoneira de concreto. Homem preto retinto que morreu precocemente, como tantos homens negros na his-tória da exploração e escravização de corpos negros no Brasil.

Papai era mesmo plácido. E dele eu herdei a calma e a prudência. De mamãe, herdei a obstinação e a autenticidade. Quando entrei na faculdade de letras, logo depois da primeira semana eu quis desistir. Mamãe só me olhou, e perguntou: “Quanto tempo dura o curso?”. Eu respondi: “Quatro anos”. E ela afirmou: “Então, quando quatro anos se passarem, você poderá desistir”.

De mamãe, eu herdei a capacidade de acreditar em dias melhores. A devoção, a fé na vida, nos espíritos encantados, em todos os orixás. Em tempos de extrema pobreza, no dia do pagamento, papai passava no açougue e comprava cinco quilos de costela. À época, isso era uma fortuna, não tínhamos Lula como presidente.

Papai fazia a melhor costela que um soteropolitano sabe fazer, um bom feijão gordo, um arroz fresquinho e dizia que aquele dia era dia de celebração. Mamãe se queixava e dizia: “Por que tudo de uma vez?”, e que precisávamos economizar. Papai dizia: “Primeiro celebramos, depois economizamos. Hoje é dia de festa”.

De papai, herdei a certeza de dias melhores e que é preciso celebrar o que se tem, para que se tenha aquilo que se merece. Desde cedo, aprendi que teria que fazer o que é preciso, para um dia poder fazer o que se quer. Eu penso que fiz o que era preciso. Esta honraria diz que eu fiz um bom caminho. Um cami-nho da ética ancestral.

Mas eu quero falar que eu não fiz este caminho sozinho. Eu não o faço sozinho. Seria impossível fazê-lo sozinho. Nossos ancestrais sempre estiveram comigo; meus professores, minhas professoras; meus mais velhos e minhas mais velhas; meus filhos, meus pais e mães, todos, todas e todes vocês, tanta gente ressoa em meu corpo que seria impossível nominar.

Há um provérbio iorubá que diz: “Sábio é aquele que, mesmo quando caminha com o peso de um dinossauro, nin-guém percebe as suas pegadas sobre a terra. A sua sabedoria deixa pegadas suaves sobre a terra”. Não é tarefa fácil camil-nhar suavemente com o peso do racismo sobre as nossas cos-tas, e uma história escravagista que até hoje retira tudo de nós.

Todavia, os orixás me carregaram no colo, a vida toda. Caboco Ubirajara do Peito de Aço salvou a minha vida. Sr. Tran-ca Rua das Almas é meu padrinho. A baiana Sebastiana, uma grande mestra orientadora. E Xangô é meu pai.

A experiência negra no Brasil é uma experiência revolu-cionária. Não é fácil estar em um mundo e apenas se ver espelha-do em posições subalternas de dor e sofrimento. Isso pode nos devastar e aprisionar, porque o racismo não dá tréguas.

Eu quero falar de algo recente. Eu tenho uma coluna na “Carta Capital”, Diálogos da Fé. Devo escrever sobre assuntos diversos, da perspectiva do babalorixá, posição sacerdotal da religiosidade afrodiáspórica.

No mês passado, eu viajei. Primeiro, a política estava tomada, Reis, pela discussão de uma comissão criada especial-mente para proibir o casamento homoafetivo. Depois, tivemos os episódios de insegurança na Bahia. Depois, tivemos mais uma guerra. Depois, tivemos o crime contra o irmão da deputa-da Sâmia Bonfim e mais dois médicos no Rio de Janeiro.

Eu só sentia dor e revolta. Não conseguí escrever. Hoje, escrever sobre ódio e violência lhe deixa nos “trending topics”. Eu estava com “Tudo Sobre o Amor”, de bell hooks. Bell hooks nos ensina que o amor é uma ação, e que é possível transfor-mar a teoria, a escrita, a intelectualidade, em cura. Eu me vi tomado por isso e decidi que seria mais cura ainda, e, se não puder ser cura, não quero ser mais adoecimento.

Eu quero falar de racismo religioso. Racismo religioso é uma decisão de alguém que decidiu ser adoecimento no mundo. Há um provérbio iorubá que diz: “O mal não pode rece-ber acenos, Douglas”.

O racista, o LGBTQIAP+fóbico, o misógeno, o fóbico, decidi-ram acenar e alimentar o mal. Ser adoecimento é uma decisão. Recentemente, um homem parou o carro e desceu para impedir um ritual em uma estrada de ferro em Santos.

Depois de agredir a todes verbalmente, ele decidiu dar uma cabeçada em um iaô. Rasgou-lhe a cabeça, deputado Reis, e quebrou seus dentes. Por quê? Porque o mal não pode receber acenos, e há pessoas que querem impor seu ódio às outras.

Eu não quero isso, eu quero ser cura. Nós não podemos permitir que essas pessoas que querem nos adoecer e adoecer o mundo continuem tendo voz e voto, deputado Reis. Essas pes-soas não podem mais. Nós temos que escolher bem os nossos líderes do Parlamento, que é o segundo parlamento, Reis, mais caro do mundo. Só é menos caro que o parlamento dos Estados Unidos.

Eu fiz uma pesquisa, porque eu ia escrever sobre o Orça-mento da tal comissão para barrar o casamento homoafetivo, e chequei com economistas e jornalistas o quanto custa uma Comissão ao Parlamento. É o nosso dinheiro e é uma comissão discutindo algo que não vai colocar dinheiro na nossa conta bancária, não vai trazer emprego, não vai colocar comida à mesa.

Que caminhos tem tomado a política do Brasil, deputado Reis. O senhor é um herói, eu não sei como alguém consegue, Douglas Belchior. Eu não sei como vocês ainda conseguem fazer política decente neste país. É um ato revolucionário, também.

Eu quero falar de revolução, por isso estou realmente feliz e muito grato por poder dividir com vocês este momento. Esta Casa, embora nossa, não costuma nos receber e reconhecer o nosso valor.

O racismo também está aqui e na pessoa da maioria dos eleitos. Vocês babalorixás, ialorixás, ogãs, equeles, olióis, por-tadores de títulos, pais e mães de santo da umbanda, mestras e mestres das mais diferentes lideranças de terreiro, fazem a verdadeira revolução em suas comunidades.

A existência de uma comunidade de terreiro é revolucioná-ria. São vocês que oferecem escuta quando ninguém escuta os subalternizados. São vocês que oferecem cura, conforto, ampa-ro, caminho, boas palavras e terra úmida para que as pessoas possam caminhar suavemente. Esta medalha é nossa, não é minha. Ela é nossa, e quero que sintam, recebendo-a, também.

O deputado Reis é corajoso. Ele acatou o clamor social e decidiu celebrar a minha existência e jornada de luta por equi-dade social. Ele é um guerreiro em um mar de acenos ao mal. É uma luta ingrata, luta difícil em meio às pessoas que querem mais adoecer a curar, e que ignoram grande parte da realidade dos brasileiros.

Do alto de seus castelos, só sabem ver o céu, ou a própria imagem refletida, também, no céu. Paulo Batista dos Reis é um homem da justiça. Um trabalhador, um professor. Ao me celebrar, ele sabe que se celebra, junto. Ele sabe que, juntos, podemos mais. Eu agradeço imensamente por isso.

Eu quero falar que sou uma pessoa conduzida pelo cora-ção. Quem me trouxe aqui hoje, por meio dele, fez com que pes-soas se mobilizassem para esta honraria, foi Ogum, na pessoa de Ricardo de Ogum, meu filho.

Ricardo chegou para o jogo de búzios guiado por sua espo-sa, Gisele de Oiá, hoje iniciada para Oiá na casa de Xangô. Era um momento difícil, de grandes desafios. Eu senti que estava com Ogum na minha frente. Ele era Ogum.

Depois do jogo, ele me confidencia que estava com difi-culdades até com a alimentação da família. Eu não penso duas vezes. Retiro cem reais do jogo e lhe dou. Ele não aceita, mas o ato foi suficiente para que nos uníssemos pelo coração.

Ele disse que me honraria. Ele disse que faria mais pessoas me conhecerem. Ele disse que todos saberiam o meu tamanho e o tamanho do meu coração. Ricardo, meu filho, obrigado.

Eu quero agradecer. Na nossa cultura Nagô, só se agra-dece na minha pessoa no plural. Nunca se diz “eu agradeço”, “modupê”. É sempre “nós agradecemos”, “auadupê”. Porque gratidão é um sentimento nobre, gratidão é lembrança, grati-dão conecta. Gratidão diz ao outro que, juntos, podemos mais.

Eu quero agradecer a cabaça-útero, ancestral de minha mãe, que me abrigou oito meses no aiê. Ao meu pai, aos

meus ancestrais, à minha ialorixá, que já retornou à massa de origem, mãe lara de Oxum. Ao pai Ailton de Oxóssi, que tanto me ensinou sobre o candomblé. E a todos que estão aqui, hoje, celebrando este momento conosco.

Aos meus filhes, filhas e filhos em Xangô. Uni-vos, sejam todos macumbeiros. Aos meus alunes e à todes que se deixam tocar pelo coração. Eu quero agradecer àqueles que inspiram e fortalecem a minha negritude.

Luiz Gama, Zumbi dos Palmares, Grande Otelo, Pixinguinha, Abdias do Nascimento, Milton Santos, Frantz Fanon, Carla Akotirene, Bárbara Carine, Renato Nogueira, Joice Berth, Aimé Césaire, Dr. Hédio Silva Júnior, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Carolina Maria de Jesus, Sobonfu Somé, Djamilia Ribeiro, Cida Bento, Cidinha da Silva - que esteve comigo esta semana, lá em BH -, Chimamanda Ngozi, bell hooks e tantos outros que me alimentam.

Eu quero terminar meu giro destacando a frase, lição bell-hookiana, sobre linguagem. A linguagem é exu, Douglas. Foi a linguagem que me trouxe até aqui. A linguagem, as palavras, os sentidos discursivos são meu oxê. Machado de Xangô. Bell hooks nos ensina que é por meio da linguagem que o oprimido luta para recuperar a si mesmo. Precisamos de reconciliação.

Esta honraria é um símbolo de um passo da reconciliação da história de um Brasil racista e colonial com cinco milhões de negres escravizados. Isto não deve nos definir, mas deve definir as políticas de reparação histórica. É sobre uma política que seja cura.

Hoje, dia de Oxalá, senhor do ar, rogo a ele que não falte fôlego a todos que lutam por justiça social e igualdade. Que as pessoas entendam que ser ódio, ser adoecimento, ser morte, ser destruição, é uma decisão.

Eu quero dizer e me comprometer com a palavra proferida. O meu legado no mundo tem sido esse. Se eu não puder ser cura, não serei adoecimento. Ficarei em silêncio, inerte, quando pensar que poderei produzir mais adoecimento do que cura.

Esta é a nossa ética ancestral.

Adupê. (Palmas.)

- É realizada a celebração religiosa.

O SR. SIDNEI BARRETO NOGUEIRA - Kabecilê. É nossa. É nossa. Cale a sua boca.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - RODRIGO MAR - Antes de nos encaminharmos ao fim desta grade solenidade, desta gran-de festa, nós convidamos os ogãs da casa Comunidade da Com-preensão e da Restauração Ilê Axé Xangô para cantar a Xangô.

O SR. - “Agô”, a bênção de todos, meus mais velhos, minhas mais velhas, meus irmãos, minhas irmãs. A bênção, pai. Peço “agô” para poder entoar aqui algumas cantigas de Xangô.

- É realizada a celebração religiosa.

O SR. SIDNEI BARRETO NOGUEIRA - Muita gente me acompanha o tempo todo. Estão aqui os pais de santo, as mães de santo, grandes amigos, pessoas para as quais eu sou inspiração. E de verdade, ser inspiração é alguma coisa da ética negro-ancestral.

Mas eu não posso me furtar de fazer uma homenagem especial a uma guerreira, uma mulher revolucionária, uma mulher de muita força. Minha irmã, minha amiga, mãe Vera de Oxum. (Palmas.)

- É realizada a celebração religiosa.

O SR. SIDNEI BARRETO NOGUEIRA - Todas as mulheres recebem esta homenagem na pessoa de mãe Vera de Oxum. Oraieieô.

Obrigado, obrigado. (Palmas.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - RODRIGO MAR - Obrig-ado. Podemos nos sentar. Gostaria de chamar até o púlpito o deputado Reis. E gostaria também, Reis, em nome de sua equipe, te parabenizar por ser um deputado tão sóbrio com seu trabalho e imensamente plural.

Parabéns, Reis.

Para fechar esta noite tão grandiosa, a palavra é do depu-tado estadual Reis.

O SR. PRESIDENTE - REIS - PT - Na realidade, cumprindo as formalidades desta Casa, eu teria que estar encerrando esta sessão solene, mas eu gostaria de ficar falando aqui por mais pelo menos uma hora, não sei se é possível. Estou brincando, gente. As pessoas se assustaram.

Esgotado o objeto da presente sessão eu agradeço às au-toridades, à minha equipe, aos funcionários do serviço de som, da taquigrafia, da fotografia, do serviço de atas, do Cerimonial, da Secretaria Geral Parlamentar, da imprensa da Casa, da TV AleSp e das assessorias policiais Militar e Civil, bem como a todes que, com suas presenças, colaboraram para o pleno êxito desta solenidade.

Declaro encerrados nossos trabalhos.

Tenham todos uma excelente noite. (Palmas.)

- Encerra-se a sessão às 21 horas e 40 minutos.

5 DE DEZEMBRO DE 2023 150ª SESSÃO ORDINÁRIA

Presidência: GILMACI SANTOS
RESUMO
PEQUENO EXPEDIENTE
1 - GILMACI SANTOS
Assume a Presidência e abre a sessão.
2 - EDUARDO SUPLYICY
Por inscrição, faz pronunciamento.
3 - CARLOS GIANNAZI
Por inscrição, faz pronunciamento.
4 - ANDRÉA WERNER
Por inscrição, faz pronunciamento.
5 - PAULO MANSUR
Por inscrição, faz pronunciamento.
6 - SIMÃO PEDRO
Por inscrição, faz pronunciamento.
7 - MÁRCIA LIA
Por inscrição, faz pronunciamento.
8 - MAJOR MECCA
Por inscrição, faz pronunciamento.
9 - VITÃO DO CACHORRÃO
Por inscrição, faz pronunciamento.
10 - EDUARDO SUPLYICY
Para comunicação, faz pronunciamento.
GRANDE EXPEDIENTE
11 - MÁRCIA LIA
Por inscrição, faz pronunciamento.
12 - EDUARDO SUPLYICY
Por inscrição, faz pronunciamento.
13 - GUILHERME CORTEZ
Por inscrição, faz pronunciamento.
14 - LECI BRANDÃO
Por inscrição, faz pronunciamento.
15 - LUIZ CLAUDIO MARCOLINO
Por inscrição, faz pronunciamento.
16 - DR. JORGE DO CARMO
Por inscrição, faz pronunciamento.
17 - REIS
Por inscrição, faz pronunciamento.
18 - REIS
Para comunicação, faz pronunciamento.

19 - LUIZ CLAUDIO MARCOLINO

Pelo art. 82, faz pronunciamento.

20 - CAIO FRANÇA

Pelo art. 82, faz pronunciamento.

21 - CARLOS GIANNAZI

Pelo art. 82, faz pronunciamento.

22 - ENIO TATTO

Pelo art. 82, faz pronunciamento.

23 - PAULO FIORILO

Para comunicação, faz pronunciamento.

24 - PAULO FIORILO

Solicita o levantamento da sessão, por acordo de lideranças.

25 - PRESIDENTE GILMACI SANTOS

Anota o pedido.

26 - EDUARDO SUPLYICY

Para comunicação faz, pronciamento.

27 - PRESIDENTE GILMACI SANTOS

Defere o pedido do deputado Paulo Fiorilo. Convoca os Srs. Deputados para a sessão ordinária do dia 06/12, à hora regimental, com Ordem do Dia. Lembra sessão extraordinária a ser realizada hoje, às 19 horas. Levanta a sessão.

- Assume a Presidência e abre a sessão o Sr. Gilmaci Santos.

- Passa-se ao

PEQUENO EXPEDIENTE

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - REPUBLICANOS - Presente o número regimental de Sras. Deputadas e Srs. Depu-tados, sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos. Esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior e recebe o expediente.

Senhoras e senhores, vamos começar o nosso trabalho no dia de hoje aqui no Pequeno Expediente. Chamamos para fazer uso da palavra o nobre deputado Delegado Olim. (Pausa.) Deputado Capitão Telhada. (Pausa.) Deputado Eduardo Suplicy. Tem V. Exa. a palavra. O deputado Eduardo Suplicy tem a pala-vra por até cinco minutos no Pequeno Expediente.

O SR. EDUARDO SUPLYICY - PT - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, telespectador da TV Assembleia, público presente na galeria, funcionários desta Casa, quero agradecer aqui algumas notícias a respeito de situações sérias e graves no Brasil.

Primeiro, oito em cada dez vítimas de homicídio no Brasil em 2021 eram negras, e a taxa de mortes entre esse grupo era o triplo do registrado entre o resto da população.

Ao todo, negros foram 79% dos 47,8 mil mortos naquele ano, considerando a soma de pretos e pardos. Segundo a clas-sificação do IBGE, os dados fazem parte do Atlas da Violência 2023, publicado nesta terça-feira, dia 5, pelo Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, e o Fórum Brasileiro de Seguran-ça Pública.

Em relação a 2020, o número de negros assassinados caiu 3,5%, 36.922 casos em 2021 contra 38.274 no ano anterior.

A diminuição é menor do que no total da população, que teve queda de 4,1 por cento. A publicação identifica quem são os mortos no País e quais as violências sofridas pelos diferentes grupos da população.

O levantamento endossa outros estudos, que apontam a população negra como principal vítima da violência no Brasil. Em 2021, segundo o Atlas, a taxa de homicídio chegou a 31 casos a cada cem mil habitantes negros, contra 10,8 casos de não-negros - soma de amarelos, brancos e indígenas.

Entre os estados e o Distrito Federal, lideram as taxas o Amapá, com o dobro da nacional, 60,7; a Bahia, 55,7; e Rio Grande do Norte, 48,9. Na outra ponta, estão São Paulo, 8,1; Santa Catarina, 13; e Minas Gerais, 14,9.

Ainda, as pessoas negras são menos da metade dos mor-tos, apenas no Rio Grande do Norte, 24 por cento; em Santa Catarina, 25 por cento; Paraná, 40%, que havia registrado 29% em 2019; e São Paulo, 49 por cento.

O relatório também detalha as violências sofridas por outras minorias. Entre as pessoas com deficiência, a população que tem de 10 a 19 anos é a mais frequente entre os registros de violência.

Predomina os registros de vítimas mulheres com defi-ciência intelectual, com 45 notificações por 10 mil pessoas com deficiência, contra uma taxa de 16,2 para homens. Segundo o estudo, isso pode estar ligado a uma maior probabilidade de violência sexual para a população feminina.

Embora a maior parte das agressões seja física - 55,2% -, seguida pela psicológica - 31,3% - e pela violência sexual - 22% -, a presença dessas agressões varia de acordo com a idade. Entre idosos, a negligência ou abandono são mais fre-quentes, com 41,8% dos registros no grupo de 60 a 69 anos, subindo a 66,7% entre quem tem 80 anos ou mais.

Nesta edição, o estudo abordou a violência contra idosos, cujos registros - os agravos de notificação de violência inter-pessoal - saltaram 170% de 2011 a 2021, com destaque para os aumentos em Sergipe - 1.479,6% -, Ceará - 1.025,5% -, e Pará - 1.015,4 por cento.

Assim como a taxa geral de homicídios, a população de idosos negros - homens e mulheres - apresenta índices superio-res de mortes por agressão em relação a não negros.

Já os dados sobre a população LGBTQIAP+ apontam um aumento de 9,5% na violência física e de 20,4% de violênci-a psicológica contra pessoas trans e travestis entre 2020 e 2021.

A faixa etária mais frequente, 45% nos registros de violên-cia, tem de 15 a 29 anos. Pessoas negras são a maioria entre os grupos de orientação - heterossexual, homossexual ou bissexua